

A PRÁTICA PEDAGÓGICA SOB UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR: POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PEDAGOGICAL PRACTICE FROM A TRANSDISCIPLINARY VIEW: POSSIBILITIES FOR AN INCLUSIVE EDUCATION

Anna Clara Souza Sobral 1
Gabriella Paula Pereira Matos 2
João Henrique Suanno 3

Resumo: O presente artigo tem como objetivo identificar na transdisciplinaridade caminhos para uma prática de educação inclusiva. O conceito de inclusão não se restringe à deficiência. Logo, é destacado aqui o respeito à condição e singularidade do ser em suas diversas dimensões. Para tanto, as autoras caminham nas discussões sobre inclusão, no conceito de transdisciplinaridade e relatam algumas experiências de suas práticas pedagógicas, fazendo uma (re)construção do vivido. O trabalho consiste em uma pesquisa autoetnográfica de abordagem qualitativa e dialoga especialmente com as discussões de Barbosa (2020), Moraes (2014) e Suanno et al. (2017). Ao final da análise, pode-se concluir que a transdisciplinaridade traz caminhos para uma educação de fato inclusiva, uma vez que amplia a compreensão sobre o ser humano e trabalha com uma razão sensível que articula razão, emoção, corporeidade e atitude transformadora.

Palavras-chave: Inclusão. Condição do Ser. Transdisciplinaridade.

Abstract: This article aims to identify transdisciplinary paths for an inclusive education practice. The concept of inclusion is not restricted to disability, therefore, respect for the condition and uniqueness of being in its various dimensions is highlighted here. For that, the authors walk in the discussions about inclusion, in the concept of transdisciplinarity and report some experiences of their pedagogical practices, making a (re)construction of the lived experience. The work takes place through a qualitative approach and dialogues especially with the discussions of Barbosa (2020), Moraes (2014) and Suanno (2017). At the end of the analysis, it can be concluded that transdisciplinarity brings paths to a truly inclusive education, since it expands the understanding of the human being and works with a sensitive reason that articulates reason, emotion, corporeality and transforming attitude.

Keywords: Inclusion. Condition of Being. Transdisciplinarity.

- 1 Mestranda em Educação Linguagens e suas Tecnologias pelo PPG-IELT-UEG. Pós graduanda Lato Sensu em Atividades Aquáticas pela Universidade de São Paulo. Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás. Professora de Natação e Hatha Yoga.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2993508456139947>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4496-7366>. E-mail: annaclarasobral@hotmail.com
- 2 Mestranda em Educação, Linguagens e suas Tecnologias pelo PPG-IELT. Pós-graduanda Lato Sensu em Psicomotricidade pelo Instituto Wallon Educacional. Pós-graduada Lato Sensu em Políticas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Bacharel em Educação Física pela Faculdade Araguaia (FARA). Graduada em licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás, campus ESEFFEGO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0788944727539331>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2207-2852>. E-mail: gabippm@outlook.com
- 3 Pós-doutor em Educação – UB/Espanha, 2014. Doutor em Educação – UCB/DF, 2013. Mestre em Educação – UH/Cuba, 2003. Psicólogo – PUC/GO, 1991. Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – PPG-IELT/UEG.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0083918417985786>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0624-5378>. E-mail: suanno@uol.com.br

Introdução

A discussão sobre a inclusão nos traz um movimento educacional, social e político que visa defender o direito de todos os indivíduos a participarem da sociedade de forma respeitosa e consciente, compreendendo que somos iguais do ponto de vista dos direitos humanos, mas também somos diferentes. E essas diferenças precisam ser respeitadas em qualquer lócus em que estamos inseridos.

No âmbito educacional essa discussão também vem defender o direito de todos os indivíduos terem acesso à uma educação de qualidade que contemple as necessidades dos estudantes no processo de desenvolvimento e concretização de suas competências, para que assim possam exercer seu direito de cidadania.

Nesse contexto, visando contemplar essa discussão, percebemos que cada vez mais a área da Educação Especial tem perpetrado avanços significativos para os alunos com deficiência. As transformações sucessivas que vêm ocorrendo nos últimos anos, advindas da globalização que caminha em processo contínuo, coloca a educação em destaque nas políticas públicas e, conseqüentemente, nas reformas educacionais.

Embora seja necessária e urgente uma constante discussão acerca do acesso da pessoa com deficiência na sociedade e na escola, aqui nosso olhar é para além da deficiência. Queremos destacar a condição do indivíduo de forma global, multidimensional e complexa. Assim, tendo em vista a necessidade constante de pensarmos práticas pedagógicas inclusivas, vemos na transdisciplinaridade caminhos que podem nos levar para tal, uma vez que essa ótica nos faz religar conhecimentos, saberes, culturas, práticas e experiências.

“O pensar complexo e transdisciplinar também evoca a noção de que o ser humano é, ao mesmo tempo, biológico, cultural, físico, psíquico, social, histórico e espiritual, isto é, multidimensional, sendo que estas dimensões interagem entre si” (SANT’ANA; SABOTA; SUANNO, 2017, p. 175). Nesse sentido, acreditamos que a ótica transdisciplinar nos permite trabalhar com uma razão sensível, e só assim será possível falarmos de fato em inclusão e valorizar as diferenças, quaisquer que sejam elas. Desde uma deficiência até algo que não conseguimos identificar através dos cinco sentidos.

A transdisciplinaridade proporciona a construção de conhecimentos que superam barreiras disciplinares e nos ajuda a compreender “o que está mais além dos limites estabelecidos ou das fronteiras conhecidas” (MORAES, 2014, p. 09). Ou seja, nos faz ir além, além do que vemos, além do que esperamos e do que nos preparamos a ser enquanto docentes. A transdisciplinaridade pode nos fazer pensar diferente e valorizar essa diferença.

Tendo em vista a nossa realidade pedagógica com a natação, ora com os bebês, ora com o paradesporto, surgiu o interesse em realizar o presente trabalho. Isso porque notamos a urgência em discutirmos a inclusão para além da deficiência. Para tanto, uma vez que o nosso objeto é formado pelas nossas próprias narrativas em contato com diferentes ambientes e indivíduos, a escolha pela autoetnografia enquanto método de pesquisa se deu pelo fato desta se apresentar como um gênero autobiográfico que revela várias camadas de experiência, capaz de conectar o pessoal com o cultural (BOCHNER; ELLIS, 2000 *apud* MÉNDEZ, 2013). Desse modo, este trabalho é qualitativo, pois caracteriza-se como um estudo das pesquisadoras sobre a situação a ser investigada, revelando experiências pessoais e profissionais (MINAYO, 1994).

Nesse caminhar a presente pesquisa tem como objetivo identificar na transdisciplinaridade caminhos para uma prática de educação inclusiva. Para tanto, seguimos nas discussões sobre inclusão, no conceito de transdisciplinaridade e também com narrativas pessoais de experiências vivenciadas na nossa prática pedagógica com a natação para expormos quais foram as vivências que nos causaram as inquietudes que resultaram neste estudo.

Metodologia

Uma vez que o nosso objeto é formado pelas nossas próprias narrativas em contato com diferentes ambientes e indivíduos, escolhemos para este estudo a autoetnografia enquanto método

de pesquisa. Essa escolha se deu pelo fato desta se apresentar enquanto um gênero autobiográfico que revela várias camadas de experiência, capaz de conectar o pessoal com o cultural (BOCHNER; ELLIS, 2000 *apud* MÉNDEZ, 2013).

Méndez (2013) afirma que a autoetnografia como método de pesquisa permite que desenhamos nossas próprias experiências para entender um fenômeno particular ou cultural. Dessa forma, aqui, valorizamos e refletimos acerca das nossas próprias vivências e experiências, ora com a natação para bebês, ora com a natação paradesportiva, buscando nesse movimento entender tal processo pedagógico sob um olhar transdisciplinar que possibilita e incentiva a inclusão do indivíduo em suas diversas dimensões. Quanto à transdisciplinaridade, o terceiro autor, o qual orienta as pesquisas de ambas autoras, nos trará a luz para o entendimento desta perspectiva. Dessa forma, a opção por essa metodologia se dá pelo caráter não apenas investigativo, mas também por seu potencial transformador capaz de valorizar as vivências dos pesquisadores.

Desse modo, este trabalho também é qualitativo, pois caracteriza-se como um estudo das pesquisadoras sobre a situação a ser investigada, revelando experiências pessoais e profissionais (MINAYO, 1994). Sendo assim, uma vez que valoriza as informações encontradas no decorrer da pesquisa, não se apegando apenas a dados estatísticos, a pesquisa qualitativa também é capaz de valorizar as experiências e percepções do pesquisador, o que, no nosso caso, contribui para esse caminhar autoetnográfico.

A opção por essa metodologia nos permitiu uma escrita mais fluida e leve, onde conseguimos valorizar nossas vivências e usá-las como instrumento que, ao nosso ver, são muito preciosas para podermos realizar qualquer tipo de análise no âmbito da educação, isto é, o valor dado ao material que partiu da empiria.

A seguir, a estrutura do breve estudo ensaístico é composta por uma discussão acerca da inclusão e da prática pedagógica transdisciplinar e por um breve relato das experiências que nos causaram as borbulhas que formaram o presente artigo.

Inclusão para quem?

Quem precisa ser incluído? Quem está sendo excluído? O que é inclusão? Esses foram alguns questionamentos que nos inquietaram a escrever o presente artigo. E para respondê-los fez-se necessário mergulhar em algumas discussões que fundamentam o conceito de inclusão.

Em consulta ao dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010), vemos que o termo inclusão é definido como “ato ou efeito de incluir, o que significa pôr ou estar dentro, inserir ou fazer parte de um grupo; compreender, abranger, conter ou ainda envolver, implicar” (FERREIRA, 2010, p. 156). Com base nessa definição vemos o quanto o conceito pode ser genérico.

Quando falamos em educação inclusiva temos um conceito popularizado pela Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) que a define como “escola para todos”:

O princípio que orienta esta Estrutura é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados (UNESCO, 1994, p. 3).

Baseadas no conceito de Salamanca (UNESCO, 1994), entendemos o conceito de inclusão escolar como não restrito à perspectiva da pessoa com deficiência, mas sim voltado para o respeito às diferenças pautadas na singularidade de cada sujeito, ou seja, às suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas, espirituais, psicológicas etc. Esse entendimento conceitual também parte da resposta a um de nossos questionamentos: “quem está sendo excluído?”. Para responder à questão discutimos acerca do nosso lugar enquanto alunas, acadêmicas e professoras e notamos que o excluído nem sempre ou não é somente aquele que possui alguma deficiência. O tímido é

excluído, aquele que tem um sotaque diferente é excluído, o negro é excluído, aquele que está “fora do peso” para o padrão estabelecido pela sociedade é excluído, o baixo é excluído, o(a) que não consegue acompanhar a maioria em alguma habilidade é excluído(a), a mulher é excluída e outros tantos são excluídos pela sua forma de ser, pensar, se vestir, ou qualquer mínima particularidade que o faz ser diferente do considerado padrão pelo grupo/contexto que o rodeia.

Vale ressaltar que nosso entendimento conceitual não intenciona fomentar o capacitismo e toda a luta da pessoa com deficiência, mas sim ampliar o nosso olhar enquanto docentes para a infinidade de grupos e indivíduos que têm sido marginalizados por alguma singularidade que possuem. Entendemos que esse olhar é urgente e para nós essa urgência se reforça cada vez mais quando nos pegamos lembrando da nossa experiência dentro da formação docente, assim como agora, nos ambientes profissionais. Isso porque pouco se fala dessa necessidade em incluir o indivíduo que tem alguma especificidade nem sempre nítida ao nosso olhar. E talvez seria irônico ou hipocrisia dizermos que seria facilmente nítido, uma vez que a própria deficiência, que merece um olhar tão sensível e já vem há tantos anos sendo discutida em tantos estudos, pesquisas e iniciativas inclusivas, não tem o olhar e a inclusão que merece.

Maturana (1999, p. 15) afirma que “vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”. Essa ideia nos remete à importância da afetividade na educação. Incluir só será possível quando o nosso olhar compreender o indivíduo como ser multidimensional composto por dimensões que precisam ser consideradas em qualquer processo de ensino aprendizagem. De outro modo, estamos prontos a falhar.

Assim como a vida e as relações são feitas de constantes e inúmeras emoções, o ambiente pedagógico também é. Sentimentos de angústia, medo, dúvida, alegria, orgulho, satisfação, dentre tantos outros, fazem parte de qualquer tipo de processo de aprendizagem. Se eles existem, e muitas vezes são tão nítidos até na forma como reforçam positiva ou negativamente a aprendizagem, porque são pouco valorizados como nos afirma o autor na citação do parágrafo acima?

Nesse movimento de buscar compreender essas contradições vemos que, com a inclusão, advém agora uma nova forma de compreender as dificuldades educacionais. O problema já não reside no aluno, mas sim na forma como a escola está organizada, no que se baseia e no modo como funciona.

Perante um problema de insucesso escolar, não se trata unicamente de saber qual é o déficit da criança ou o problema da sua relação familiar ou do seu percurso educativo, mas trata-se de saber o que faz o professor, o que faz a classe, o que faz a escola para promover o sucesso desta criança (BÉNARD DA COSTA, 1996, p. 153).

Infelizmente criamos uma forma de olhar para os alunos que separa, aliena e exclui. Quando nos deparamos com alguma particularidade dentro da aula, se torna mais fácil excluir essa determinada situação do que aprender a lidar com ela e incluir de forma equiparada. Mudar nos tira o chão dos pés, pois ir em direção ao desconhecido é algo desconfortante que, muitas vezes, nos amedronta. Enquanto educadoras nos lembramos de ouvir na graduação que o novo é o que causa uma crise e um conflito interno que nos permite saltos qualitativos. Aqui, refere-se ao conhecimento, ao que é diferente que o aluno e a aluna ainda não conhecem e pode levá-los a outros lugares no campo do intelecto. Mas vemos nesse movimento uma possibilidade de aplicarmos a realidade da inclusão. Ter alguém diferente em um ambiente formativo não deve ser visto como um peso, mas como uma oportunidade de fazer com que todo o grupo e também, ou até mesmo principalmente, a figura docente, sejam impactados com aquilo que os tira da zona de conforto, do que é sempre igual, previsível e esperado.

Com base nisso, vemos na transdisciplinaridade um caminho para uma educação inclusiva, uma vez que esta religa conhecimentos, saberes, culturas, práticas e experiências, ampliando a compreensão sobre o ser humano e trabalhando com uma razão sensível. Para tanto, apresentaremos agora a prática pedagógica sob o olhar transdisciplinar para analisarmos se esse

caminho pode, de fato, ser possível para uma educação inclusiva para além da deficiência, como almejamos no presente estudo.

Prática pedagógica sob um olhar transdisciplinar

Olhar a educação através das lentes da transdisciplinaridade possibilita enxergar para além do nível macro físico, do nível do que é visível ou percebido pelos cinco sentidos. Moraes (2014) enfatiza a necessidade de despertar a curiosidade para possíveis relações existentes entre eventos, coisas, processos e fenômenos que escapam à observação do senso comum. Uma forma de abertura das gaiolas epistemológicas para que haja conexão entre o empírico e concreto: “abertura do imaginário, imaginação criativa da intuição, dos sentimentos, desejos e afetos que permeiam a corporeidade humana” (MORAES, 2014, p. 09).

Entendemos então que a prática pedagógica sob a perspectiva transdisciplinar vai muito além do que está visível aos nossos olhos e, nesse movimento que permite uma viagem no imaginário, a criatividade aparenta ser um grande pilar para pensar o processo pedagógico. Com esse pilar criativo vemos uma possibilidade de trazer para a aprendizagem processos outros que talvez nunca foram pensados ou colocados em prática. E acreditamos que seja nesse movimento de pensar o novo, de abrir a mente para a imaginação e para o infinito de relações e possibilidades que o mundo a nossa volta nos dá, que a presente perspectiva pode contribuir para a inclusão.

A transdisciplinaridade proporciona a construção de conhecimentos superando barreiras disciplinares e nos ajuda a compreender “o que está mais além dos limites estabelecidos ou das fronteiras conhecidas” (MORAES, 2014, p. 09). É possível enxergar o aluno ou aluna por dimensões físicas, espirituais, psicológicas e sociais, a subjetividade é valorizada e promove a expansão e evolução de sua consciência. Sendo assim, é possível incluir todos na aprendizagem, independente das limitações ou especificidades que são impostas. Conseguimos explorar cada aluno ou aluna de forma integral, deixando fluírem com o ensino que lhes é passado e repensando sempre novos métodos para o explorar de todos.

[...] de um modo geral estamos afastando nossos alunos de suas necessidades vitais, ignorando suas histórias de vida, suas demandas pessoais. Estamos mergulhados na fragmentação que herdamos da modernidade e somos responsáveis por uma cultura escolar que não apenas está atingindo o aluno em seu processo de formação, mas também o professor, dificultando os processos de ensino- aprendizagem e comprometendo o acoplamento estrutural do sujeito com sua realidade, do indivíduo com seu meio. [...] (MORAES, 2014, p. 24).

Sant’Ana, Sabota e Suanno (2017) afirmam que o ensino na transdisciplinaridade exige religar o entrelaçamento que foi fragmentado e fazer com que certezas e incertezas interajam: “O pensar complexo também evoca a noção de que o ser humano é ao mesmo tempo biológico, cultural, físico, psíquico, social, histórico e espiritual, isto é, multidimensional, sendo que estas dimensões interagem entre si (SANT’ANA; SABOTA; SUANNO, 2017, p. 175).

A transdisciplinaridade nos evoca uma noção de integração do indivíduo, independente das particularidades de cada um. O papel do professor e professora é juntar esses fragmentos e perceber que antes de excluir ou segregar podemos acolher, incluir e tornar possível a superação dos limites, crenças e valores alienantes por meio da educação.

Educar é também um fenômeno biológico, que envolve todas as dimensões humanas, em total integração do corpo, da mente e do espírito. É desenvolver-se em parceria com outros seres, desenvolver-se na biologia do amar, como gostaria Maturana, quem nos mostra que todo o ser vivo é

uma unidade dinâmica entre o SER, o FAZER e o CONHECER (MORAES, 2014, p. 15).

Quando o assunto é deficiência, a transdisciplinaridade a considera como algo que faz parte da condição de ser humano, e que este tem a digna possibilidade de ser feliz e aceito apesar das suas diferenças. Aqui a diferença é uma riqueza que precisa ser valorizada para que possamos aprender e crescer com ela. Nesse movimento as políticas públicas devem criar ambientes específicos para que as pessoas com deficiência se sintam parte da vida humana e que, independente de sua deficiência, a sua vida é importante e necessária para a transformação planetária.

Vivemos em um planeta de incertezas, complexidades, imprevistos e diferenças. O que vemos como algo linear, quando se aproxima, pode-se ver que existe complexidade, movimentos, bifurcações, flutuações, processos que vistos de longe são simples e de perto são fenômenos inimagináveis. Todo humano passa pelo movimento da educação, seja em uma sociedade de primeiro mundo ou de terceiro mundo sempre haverá processos educativos acontecendo. “Nosso despreparo é grande diante das situações complexas e imprevistas que nos acontecem no cotidiano da vida” (MORAES, 2014, p. 22). Pensar uma prática pedagógica sob o olhar da transdisciplinaridade é ampliar as possibilidades para todos os envolvidos no processo educativo.

Concordamos com Morin (2007) ao reconhecer que trabalhamos com uma inteligência cega que fragmenta e disjunta e que é preciso desenvolver uma inteligência ecológica capaz de religar as diferentes dimensões da vida, bem como as diferentes dimensões constitutivas do ser humano. Para tanto, é preciso construir novas ferramentas intelectuais, atitudinais e volitivas, capazes de colaborar para um pensar complexo ecológico (MORAES, 2014, p. 26).

Precisamos ampliar nossos pensamentos para começar a experimentar novas práticas pedagógicas que ampliem a consciência dos docentes e dos discentes. Práticas que promovam a transformação da sociedade, mudança de hábitos, valores, atitudes, e principalmente a inclusão e não existência de preconceitos com pessoas que estão fora do padrão de ser humano que é estipulado nas pedagogias tradicionais. Com a transdisciplinaridade podemos mudar as atitudes e ir ao encontro de novas metodologias que reencontra “não somente a paz, a saúde, a harmonia, a justiça social que sempre buscamos, mas promover o desenvolvimento sustentável capaz de atingir a todos, independente da fase ou do lugar em que o sujeito se encontra” (MORAES, 2014, p. 31).

O olhar transdisciplinar consiste então em uma nova maneira de pensar, de sentir, de perceber a realidade e interagir que se projeta na vida pessoal, profissional e social. Para tanto, práticas transdisciplinares baseadas no respeito às diferenças, na convivência, na melhoria das condições de vida e nos direitos humanos são fundamentais para uma educação inclusiva onde todos os indivíduos sejam respeitados e se reconhecem em si e no outro, apesar de suas diferenças e também através delas, pois essas são capazes de nos fazer crescer, aprender, reaprender e viver em sociedade de forma harmoniosa e respeitosa.

Vivências de duas professoras de natação com educação inclusiva sob a ótica da transdisciplinaridade

Aqui gostaríamos de relatar um pouco das nossas experiências docentes com a natação que nos causaram borbulhas e inquietações para escrever a presente pesquisa. Abaixo, colocaremos a experiência da primeira autora e em seguida a experiência da segunda autora, respectivamente.

A primeira autora trabalha com crianças e bebês de 0 a 6 anos, ministrando aulas de natação baby e infantil:

Na nossa prática pedagógica, uma vez que lidamos com crianças, temos uma infinidade de condições e estados que precisam ser considerados no processo de ensino-aprendizagem. Um divórcio dos pais, por exemplo, talvez pareça algo muito invasivo para pensarmos ou tratarmos em um ambiente pedagógico. No entanto, esse é um fato que pode afetar diretamente o desenvolvimento

de uma criança na aula, e eu, enquanto educadora, necessito ter um olhar sensível e acolhedor para a situação, que me leve a repensar a minha prática em favor da realidade desse indivíduo. E o que seria isso, se não inclusão?

Aos 2 anos de idade, por exemplo, temos o chamado “terrible two” ou adolescência do bebê (GALLACHER, 2005). Trata-se de uma fase em que a criança começa a se perceber como indivíduo com desejos e opiniões próprias, e sente uma necessidade constante em tomar decisões e fazer suas próprias escolhas. Nessa fase qualquer coisa pode ser motivo de choro ou birra. Logo, levando em consideração o fato de lidarmos com crianças dessa idade em aulas personalizadas de natação, como incluir essa criança na aula? Será que a aula dada para a criança que está passando por essa fase é a mesma dada para outra criança que se encontra em outra fase de desenvolvimento? É necessário considerar a condição dessa criança e repensar a estratégia de ensino nessa fase e isso só é possível com um olhar sensível, um olhar que considera o indivíduo nas suas diversas dimensões.

Se nós, enquanto educadores, não conhecemos as especificidades dos nossos alunos, em um caso como o último exemplo citado acima podemos simplesmente definir o comportamento da criança como uma indisciplina ou até mesmo um déficit de atenção. Poderíamos, dessa maneira, estereotipar equivocadamente um comportamento que já era esperado. Essa reflexão nos mostra a necessidade de conhecermos, desde a graduação docente, o processo de desenvolvimento humano em seus diferentes aspectos. Isso porque, se lidamos com humanos, precisamos conhecer esse humano, suas fases, seus conflitos e de que forma isso influencia os processos de aprendizagem que o indivíduo passa ao longo da vida.

É claro que os dois exemplos citados, divórcio dos pais e “terrible two”, se tratam de situações diferentes. A primeira situação não é esperada e nem sempre o professor terá conhecimento da mesma. Já na segunda, como algo esperado no desenvolvimento de bebês nessa fase, se faz necessário que o professor tenha conhecimento. Mas embora sejam situações diferentes, os exemplos nos mostram a importância de valorizarmos a condição do nosso aluno e aluna. Se levarmos a primeira situação para um ambiente de sala de aula, por exemplo, temos que um aluno que é excluído e sofre bullying por ser considerado “antissocial”, às vezes pode ter esse comportamento por estar vivenciando o divórcio dos pais. Nesse caso, a escola, que deveria ser um ambiente acolhedor, pode simplesmente excluí-lo e marginalizá-lo por não estar preparada para lidar com a situação. Não queremos defender uma ideia de que o professor e a professora devem se tornar terapeutas, embora precisamos ter o mínimo de psicologia para lidar com pessoas. Também não queremos apresentar uma visão romântica para a educação, por mais que no nosso coração pulse um sentimento muito esperançoso do que o olhar transdisciplinar pode gerar na educação. Mas queremos aqui mostrar a necessidade de pensarmos e repensarmos formas para lidarmos de forma positiva com as situações que o ambiente formador nos apresenta. E isso não quer dizer que teremos um retorno positivo como esperamos, mas quer dizer que estaremos prontos e preparados para o que pode vir, e isso já é muito positivo e ético para a figura docente.

Bebês, crianças, adultos e idosos são seres complexos. Todos nós nos constituímos enquanto seres complexos e, enquanto educadores, só conseguiremos contemplar a completude do indivíduo nos processos de ensino-aprendizagem se trabalharmos com uma razão sensível que amplie a compreensão sobre o ser humano e articule a razão, a emoção, a corporeidade e a atitude transformadora. Essa última precisa estar constantemente presente em nossa prática pedagógica para que possamos permitir aos nossos alunos o movimento de se reconhecer em si, através de si, no outro e através do outro, para além das diferenças, das condições, do estado e dos estereótipos.

Segundo (MORAES, 2015 *apud* SUANNO *et al.*, 2017, p. 258-259), pensar a partir de uma ótica transdisciplinar “significa ir mais além do que foi dado e herdado de antemão, acercar-se do mistério humano, transgredir fronteiras do conhecimento oficial e atrever-se a aventurar-se, a explorar novos territórios, sendo conscientes de que nada sabemos”.

Nossa experiência com a natação para bebês e natação infantil nos mostra o quanto a transdisciplinaridade traça caminhos para pensar no indivíduo em sua completude, seja este um bebê ou um idoso, pois ambos são humanos, complexos e compostos por uma variedade de dimensões. Se assim se caracterizam, como não considerar a complexidade de tais dimensões na nossa prática pedagógica? Como não considerar os sentimentos do meu aluno e da minha aluna? É preciso, é necessário e urgente contemplar o sujeito em sua totalidade, e quando falamos isso não

temos uma visão romântica de educação e de lócus de aprendizagem que fuja do científico e perca sua intencionalidade, mas de um ambiente onde professores e alunos se reconheçam e valorizem suas diferenças de forma a aprender, crescer e saber conviver de forma respeitosa com elas.

A experiência da segunda autora é sobre uma experiência em participação às Paraolimpíadas Escolares que ocorreu em novembro de 2021, onde ela acompanhou um atleta de quinze anos, que participa das aulas de alto rendimento de paradesporto em sua escola de natação. O atleta que será aqui relatado nasceu com má-formação congênita nos membros superiores e não possui os braços. Utilizaremos um nome fictício para falar sobre o atleta.

Luiz foi o principal motivo que levou a professora a participar desse evento. Ele começou a treinar com ela um ano antes das paraolimpíadas escolares. O primeiro contato com a professora foi para uma aula teste em sua escola, onde concorreria a uma bolsa para treinar. Luiz vem de uma família do interior do Maranhão, nasceu com má-formação congênita nos membros superiores e não possui os dois braços.

A primeira vez que o vi nadar, meu corpo sentiu arrepios dos pés a cabeça. Sabia que aquele garoto não estava dentro de um padrão pré-estabelecido para os deficientes. Ele nadava como um peixe, de um lado para o outro e bem rápido. Desse dia em diante percebi que a minha vida com a natação mudaria, o meu olhar já não era o mesmo sobre o corpo humano, a forma como via em livros de anatomia e os de metodologia da natação. Luiz, sem ter os dois braços conseguiu desconstruir tudo que eu já tinha estudado sobre equilíbrio no meio líquido, sobre sustentação, deslizes, sobre as técnicas dos nados culturalmente determinados.

Os autores básicos Platonov, Makarenko, Maglisch, do estudo de natação de alto rendimento, não citam o corpo com deficiência física, e eu me perguntava: como vou dar aula para esse garoto? Qual livro? Qual lugar? Tive que ir conversando com vários técnicos, aplicando exercícios criados exclusivamente para ele, e assim seguimos treinando para as paralimpíadas escolares.

O que mais me impressiona nele é a sua capacidade mental para superar todas as barreiras que enfrenta diariamente para treinar. Não são apenas as barreiras físicas, mas a condição financeira de sua família. São pessoas bem humildes e passam necessidades básicas, mas possuem grande riqueza mental. A sua mente é de vencedor, campeão e isso é o que o move para o sucesso na natação. Luiz conseguiu destaque nacional nessa competição, pegou o primeiro e o segundo lugar nas provas que nadou, possui grande habilidade motora na água e fora d'água.

As Paraolimpíadas escolares que ocorreram no Centro Paralímpico Brasileiro, em novembro de 2021, consistem em um evento organizado pelo Governo Federal, o qual patrocina alimentação, transporte, hospedagem e todo suporte para realização do evento. Ao todo tinham novecentos atletas representando vinte e cinco estados brasileiros, sendo que destes, cinquenta eram de Goiás, todos portadores de alguma deficiência física ou mental.

Segundo o comitê paralímpico brasileiro “as Paralimpíadas Escolares tiveram a sua primeira edição em 2009. Este é o maior evento mundial para crianças com deficiência em idade escolar”, promove a inclusão social, a saúde e é de uma forma de captação de grandes fenômenos para o esporte de alto rendimento.

Maiores eventos do mundo para crianças e jovens com deficiência em idade escolar, de 12 a 17 anos, as Paralimpíadas Escolares têm tido um papel fundamental na formação e autoaceitação da pessoa com deficiência na adolescência. O evento, ao reunir 902 atletas de 25 unidades da federação, tem mudado a vida dos participantes que têm disputado as 13 modalidades do projeto do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), realizado no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo. Neste período, muitos jovens de vários estados revelaram a inédita experiência do acolhimento e do pertencimento que vivenciaram entre uma competição e outra (COMITE PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2021).

Desde o primeiro momento que fiquei sabendo do evento só consegui pensar nas práticas corporais e modalidades que esses atletas seriam capazes de participar. Imaginando como era a

organização, como os atletas com limitações maiores iriam se sair e afins, qual seria a assistência fora das competições, hospedagem, alimentação. Lembrando que por alguns terem maiores limitações que outros, eles são divididos em classes, para que a competitividade seja mais justa e equilibrada.

O evento possui uma equipe enorme de voluntários, *staffs* e profissionais. Os voluntários ficam por conta de dar suporte para informações e direcionamentos dentro do comitê paralímpico. Os *staffs* são responsáveis pela estrutura e suporte físico para as delegações, por exemplo, servir atletas que não conseguem sozinhos, acompanhar atletas que precisam de ajuda.

Em cada modalidade vivenciada vimos exemplos de superação e força de vontade que nos mostraram o quanto a consciência humana é limitada e que, independente dos limites e fronteiras colocados em nossa frente, o nosso olhar para enfrentá-los depende muito da criação e educação que tivemos. Todos aqueles atletas nos mostraram que é possível ir além, muito além do que nos é imposto. Independentemente da posição final o que mais importava era estar ali, superando limites, competindo, interagindo, sorrindo, gritando e comemorando.

As Paralimpíadas Escolares tiveram a sua primeira edição em 2009 e são consideradas um grande celeiro de atletas. Além disso, é um evento que proporciona a convivência entre adolescentes com diversos tipos de limitações, já que as modalidades contemplam três grandes grupos de deficiência: visual, física e intelectual. Além das arenas utilizadas para as disputas, há também um espaço dedicado para a integração e lazer dos atletas quando não estão competindo. Neste local, há jogos em equipamentos e até videogames (COMITE PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2021).

Assisti uma prova de natação de uma menina que aos nove anos de idade teve meningite e perdeu os braços e as pernas, se locomovia em cima de uma cadeira de rodas e aceitou nadar 5 provas na natação. Hoje está com 15 anos, e vê-la nadar nos enche os olhos, uma vez que a distância em que nadou é de 200m, é difícil e exige muita resistência. No entanto, o mais incrível foi que apesar de levar 7 minutos a mais que a primeira colocada, a sua comemoração ao chegar foi enorme. Os demais a esperavam para celebrar a vitória de uma forma emocionante.

No atletismo uma das corridas foi a de 250m de atletas portadores de PC (paralisia cerebral). Nessa prova o que mais chamava atenção era um aluno com bastantes dificuldades motoras que não desistia em nenhum momento da prova, além da dificuldade. Mas algo ainda mais emocionante foi que esse atleta, ao perder o equilíbrio e cair no chão, ficou ali caído no chão quente, sozinho e triste. Mas a torcida, com quase 200 pessoas, se levantou e começou a gritar o nome do atleta que, com muita dificuldade, se levantou e terminou a prova.

Nesse momento ocorreu uma explosão de sentimentos que levou o nosso corpo a estremecer e o ego a se diluir em lágrimas. Nos colocamos no lugar do atleta e pensamos no receio que temos em participar de uma prova como essa pelo simples fato de pensar em cair, mesmo sem ter alguma limitação física. Mas ele estava lá, caiu, levantou e terminou a prova. A torcida foi ao delírio e o nosso coração se preencheu de alegria ao ver aquela cena.

Sentimos uma gratidão enorme em poder conhecer um lugar como aquele, o Centro Paralímpico Brasileiro. Totalmente adaptado e feito para todas as pessoas. Razões para acreditar em um mundo melhor, em uma nova era na educação. A equipe de gestão muito bem preparada e disposta a incluir todos.

Trazendo para a sala de aula, o que nos é ensinado desde a infância é excluir da aula a pessoa com alguma limitação para que o problema seja resolvido. Antigamente essas pessoas nem eram vistas, não poderiam frequentar a escola como todas as outras. No esporte, principalmente, o deficiente não tinha espaço. “A segregação e a institucionalização das pessoas com deficiência nasceram com a modernidade e se perpetuam até hoje, embora agora mobilizados por novos ideários” (NUERNBERG, 2020). O corpo com alguma necessidade especial é visto como uma tragédia na família, como um problema central que arruína aquela pessoa que ali se habita, aquele espírito, aquela consciência é taxada como uma história de tristeza e dificuldades para o resto de sua vida.

Dificuldades todos nós temos. A dificuldade maior que observamos naqueles jovens era a que estava dentro da nossa cabeça, a limitação que sempre colocamos ao observar aqueles corpos.

Como afirma Nuernberg (2020), nas práticas e mesmo nos ambientes de educação especial, no geral, pouco se vê o reconhecimento da criança antes da deficiência. “A simples experiência de estar no furacão de sentimentos que a novas ideias trazem, diante de uma situação transformadora, já muda, definitivamente e inexoravelmente, a nós mesmos e, por consequência, o caminho (BARBOSA, 2020, p. 181).

Estar em contato com pessoas com deficiência é uma grande oportunidade de transformação pessoal e profissional. Viver essa experiência na prática é sentir os estudos teóricos, é poder agir em cooperação com a transformação da sociedade.

Considerações Finais

Aqui apresentaremos algumas considerações temporárias, pois uma vez que na abordagem transdisciplinar nada se fecha, mas sempre se abre a novos pensamentos, teorias e conceitos que nos fazem ir além, pretendemos ainda dar continuidade ao presente estudo, trazendo, em um outro momento, outras reflexões, inquietações e vivências que nos permitam ampliar o caminho que nos trouxe até aqui.

No início da discussão trazemos uma reflexão como ponto norteador do estudo, a saber: “inclusão para quem?”. Entendemos o conceito de inclusão escolar como não restrito à perspectiva da pessoa com deficiência, mas sim voltado para o respeito às diferenças pautadas na singularidade de cada sujeito, ou seja, às suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas, espirituais, psicológicas, dentre outras tantas. Como professoras de Educação Física notamos que o excluído nem sempre é o que possui alguma necessidade especial, mas sim aquele que possui qualquer estereótipo que pareça diferente do grupo. Muitas vezes o nosso olhar se concentra apenas em algum aspecto motor ou físico, e para além disso, precisamos nos fundamentar em práticas pedagógicas que incentivem o respeito à diferença, qualquer que seja ela, no ambiente de aprendizagem. Desde uma timidez até um modo de se vestir; desde uma voz mais fina até um cabelo mais chamativo; desde uma orientação sexual até à cor da pele. Aqui poderíamos elencar tantas outras relações, mas acreditamos que o movimento apresentado tenha deixado claro o que queremos expor.

Continuamos o debate fazendo uma breve explanação sobre o conceito da transdisciplinaridade, uma vez que essa linha de pensamento amplia nossa compreensão sobre o ser humano e direciona nosso olhar para uma visão sensível que desfragmenta a razão, a emoção e a corporeidade. Através dessas lentes podemos recriar os caminhos da educação para um sentido inclusivo e multidimensional. Incluir só será possível quando o nosso olhar compreender o indivíduo como ser multidimensional composto por dimensões que precisam ser consideradas em qualquer processo de ensino-aprendizagem.

Vendo a necessidade de exemplificar o que está sendo discutido, utilizamos o método autoetnográfico e a abordagem qualitativa para trazer, na pesquisa, relatos de experiências escritos pelas autoras da presente análise. Esse caminhar metodológico nos permitiu uma escrita mais fluida e leve, onde pudemos explicitar o que de fato vivenciamos e de que forma esses instrumentos, que aqui são nossas experiências profissionais, nos levaram a chegar até aqui, nos trazendo em um mergulho cheio de esperança. Ao olhar para os processos pedagógicos, quaisquer que sejam eles, possamos sentir e ver, na prática, a inclusão de todos e todas.

Compreender e discutir a inclusão dentro do ambiente de aprendizagem é complexo e demanda muito esforço de transformação por parte dos educadores e educadoras. É querer transformar a sociedade, transformar preconceitos e práticas pedagógicas que já estão enraizadas em nosso sistema educacional. O fato é que viver a deficiência depende essencialmente dos modos de vida, organização social e dos valores sociais e políticos de cada contexto (NUERNBERG, 2020, p. 46). E não só a deficiência, como trazemos aqui. Viver a diferença, o não esperado, aquilo que nos tira da zona de conforto nos causa crises, mas são essas crises que nos levarão a saltos qualitativos dentro da nossa trajetória docente, dentro da nossa trajetória de vida e, conseqüentemente, dentro da trajetória de vida dos nossos alunos e alunas.

Para concluir temporariamente, julgamos pertinente ressaltar, novamente, que não

queremos apresentar aqui uma visão romântica para a educação, por mais que no nosso coração pulse um sentimento muito esperançoso do que o olhar transdisciplinar pode gerar na educação. Mas queremos aqui mostrar a necessidade de pensarmos e repensarmos formas para lidarmos de forma positiva com as situações que o ambiente formador nos apresenta. E isso não quer dizer que teremos um retorno positivo como esperamos, mas quer dizer que estaremos prontos e preparados para o que pode vir, e isso já é muito positivo e ético para a figura docente.

Referências

BARBOSA, Meiriene C. O atendimento educacional especializado como força motriz da inclusão escolar. *In*: MACHADO, R.; MANTOAN, M. T. E. (org.). **Educação e inclusão**: entendimento, proposições e práticas. Blumenau: Edifurb, 2020. p. 181-182.

BÉNARD DA COSTA, Ana Maria. A escola inclusiva: do conceito à prática. **Inovação**, v. 9, n. 1-2, p. 151-163, 1996.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Como as Paralimpíadas Escolares mudam a vida de crianças e jovens com deficiência de todo o Brasil**. 2021. Disponível em: <https://cpb.org.br/noticia/detalhe/3706/como-as-paralimpiadas-escolares-mudam-a-vida-de-criancas-e-jovens-com-deficiencia-de-todo-o-brasil#:~:text=qui%2C%2025%20nov%202021%2015,32%3A55%20%2D03%3A00&text=O%20evento%2C%20ao%20reunir%20902,Treinamento%20Paral%2C%20em%20S%20C%20A3o%20Paulo>. Acesso em: 24 ago. 2022.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio**. Goiânia: Editora positivo, 2010.

GALLACHER, Lesley. 'The terrible twos': Gaining control in the nursery? **Children's Geographies**, v. 3, n. 2, p. 243-264, 2005.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

MÉNDEZ, Mariza. Autoethnography as a research method: advantages, limitations, and criticisms. **Colombian Applied Linguistics Journal**, v. 15, n. 2, p. 279-287, 2013.

MINAYO, Maria C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação**: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

NUERNBERG, Adriano H. O capacitismo, a educação especial e a contribuição do campo de estudos sobre deficiência para educação inclusiva. *In*: MACHADO, R.; MANTOAN, M. T. E. (org.). **Educação e inclusão**: entendimento, proposições e práticas. Blumenau: Edifurb, 2020. p. 45-60.

SANT'ANA, Jhonatas V. B.; SABOTA, Barbra; SUANNO, João H. Educação 3.0, complexidade e transdisciplinaridade: um estudo teórico para além das tecnologias. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun. 2017.

SUANNO, João H.; ARANTES, Victor H. P.; PAULA, Marcos V. G.; CUNHA, Regina C. A. Para Além de uma Educação Física Escolar: mediação pedagógica e transdisciplinaridade. **Revista Mediação**, v. 12, p. 175-191, 2017.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração de Salamanca e enquadramento da ação**: necessidades educacionais especiais. Salamanca, Espanha, 1994.

Recebido em 16 de maio de 2022.
Aceito em 22 de junho de 2022.